



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação – UAB/UnB/MEC/SECADI
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania com Ênfase em EJA / 2013-2014

ANDRÉIA DEODATO LIRA DE VASCONCELOS
e
IVAN RODRIGUES RAMOS

**A VALORIZAÇÃO DA LEITURA COMO DEGRAU
DE MUDANÇA SOCIOCULTURAL**

BRASÍLIA, DF

Abril, 2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação – UAB/UnB/MEC/SECADI
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania com Ênfase em EJA / 2013-2014

A VALORIZAÇÃO DA LEITURA COMO DEGRAU DE MUDANÇA SOCIOCULTURAL

ANDRÉIA DEODATO LIRA DE VASCONCELOS
e
IVAN RODRIGUES RAMOS

ORIENTADOR ERASMO BALTAZAR VALADÃO
CO-ORIENTADORA MARIA DO SOCORRO DA SILVA LINHARES

PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL

BRASÍLIA, DF Abril, 2014

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
Faculdade de Educação – UAB/UnB/MEC/SECADI
II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e
Cidadania com Ênfase em EJA / 2013-2014

ANDRÉIA DEODATO LIRA DE VASCONCELOS
e
IVAN RODRIGUES RAMOS

A VALORIZAÇÃO DA LEITURA COMO DEGRAU DE MUDANÇA SOCIOCULTURAL

Trabalho de conclusão do II Curso de Especialização em Educação na Diversidade e Cidadania, com Ênfase em EJA / 2013-2014, como parte dos requisitos necessários para obtenção do grau de Especialista na Educação de Jovens e Adultos.

Professor Orientador

Tutora Orientadora

Avaliador Externo

BRASÍLIA, DF Abril/2014

Dedicamos este trabalho ao nosso aluno. É por ele e para ele que enfrentamos as mais diversas dificuldades da profissão todos os dias. É crendo em sua formação como cidadão ativo e capaz de intervir em seu meio social que desempenhamos nosso trabalho com dedicação e esperança.

Agradecemos, primeiramente, a Deus por nos presentear com o dom da vida e capacidade cognitiva suficiente para podermos alcançar nossos objetivos dia após dia em nossa profissão, como também em nossa vida pessoal; a nossas famílias e amigos, pelo apoio e por compreenderem nossa ausência em suas vidas enquanto estivemos estudando, trabalhando e produzindo durante todo esse percurso; e, não poderíamos deixar de agradecer, à Professora Maria do Socorro da Silva Linhares que nos mediu na busca de novos conhecimentos e superação de nossas dificuldades; ao Mestre Erasmo Baltazar Valadão que muito contribuiu na reta final de nossa caminhada; como também a toda a coordenação por nos proporcionar um curso de qualidade, interessante, reflexivo e, o mais importante, instigante, pois nos incomodou a fazer algo por nossa comunidade escolar, por isso não poderemos mais ficar quietos.

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela, tampouco, a sociedade muda.”

Paulo Freire

RESUMO

Este Projeto de Intervenção Local é um convite à prática de leitura, de forma larga e profunda, aos alunos da EJA do CEF 24 de Ceilândia. O intuito é conscientizá-los sobre o poder que a leitura exerce em sua formação sociocultural e a influência que ela pode gerar em sua história como sujeitos das transformações ocorridas em sua comunidade, em seu trabalho, em sua educação, em sua vida. O Projeto propõe uma intervenção no convívio com a leitura de alunos, professores e servidores a partir de ações como: Leitura Coletiva – Trabalho e Cidadania, Sacolas Literárias, Livros no Meio do Caminho e formação de um Clube de Leitores.

Palavras-chave: LEITURA, TRANSFORMAÇÃO, TRABALHO, CIDADANIA

ABSTRACT

This Project of local intervention is an invitation to the reading practice, in a wide and deep way, to the EJA students of CEF 24 in the city of Ceilândia. The aim is to make those students aware of the power that the reading exerts on their sociocultural formation and the influence that it can generate on their history as the subjects of the changes happened in their community, on their jobs, on their education and on their lives. The Project proposes an intervention in the relationship with the reading of students, teachers and education assistants through actions like: collective reading – job and citizenship, literary bags, books along the way and the creation of a readers club.

Key words: READING, CHANGES, JOB, CITIZENSHIP

SUMÁRIO

1. Dados de identificação dos proponentes	09
2. Dados de identificação do projeto	10
3. Ambiente institucional	11
4. Caracterização do problema/Justificativa/Marco teórico.....	12
4.1 O trabalho com a leitura em sala de aula: crítica e perspectiva	12
4.2 Projeto de Intervenção Local: ação e reflexão	22
5. Objetivos	27
5.1 Objetivo geral	27
5.2 Objetivos específicos	27
6. Atividades	28
6.1- Leitura Coletiva: Trabalho e Cidadania	28
6.2- Sacola Literária e Livros no Meio do Caminho	28
6.3 - Clube de Professores Leitores	29
7. Cronograma	30
7.1- Atividade Leitura Coletiva: Trabalho e Cidadania	30
7.2- Atividades Sacola Literária e Livros no Meio do Caminho	31
7.3- Atividade Clube de Professores Leitores	32
8. Parceiros	33
9. Orçamento	34
9.1- Atividade Leitura Coletiva: Trabalho e Cidadania	34
9.2- Atividade Sacola Literária	34
9.3- Atividade Livros no Meio do Caminho	34
9.4- Atividade Clube de Professores Leitores	34
10. Acompanhamento e avaliação	35
11. Referências Bibliográficas	36

1. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS PROPONENTES

Nome: Andréia Deodato Lira de Vasconcelos, professora da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal, lotada na GRE de Ceilândia, nos Centros de Ensino Fundamental 10 e 24.

Nome: Ivan Rodrigues Ramos, professor da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal, lotado na GRE de Ceilândia, nos Centros de Ensino Fundamental 16 e 24.

2. DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DO PROJETO

O projeto tem como título “A Valorização da Leitura como Degrau de Mudança Sociocultural” com abrangência local no Centro de Ensino Fundamental 24 de Ceilândia-DF, situado na QNQ 03 Área Especial Setor Q – Ceilândia Norte. O período de execução da 1ª etapa do projeto é com início em fevereiro de 2014 e término em julho de 2015. Almeja-se que o projeto perdure por muitos anos.

O público alvo são alunos, com faixa etária entre 16 e 60 anos, que cursam o 2º e o 3º segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA) desta mesma instituição de ensino. A prioridade será desenvolver o projeto com as turmas as quais somos professores regentes neste ano – duas turmas de 5ª série, uma turma de 2º ano e duas turmas de 3º ano –, para depois atingir as demais turmas da escola. Esse público inicial é de, em média, 168 alunos dentro da faixa etária supracitada, sendo 24% de alunos menores de idade, 21% trabalham sem carteira assinada (em sua maioria, alunos menores de 18 anos), 29% não trabalham (em sua maioria, alunos maiores de idade), 48% trabalham com carteira assinada (todos maiores de 18 anos) e 2% tem empresa registrada, com CNPJ.

3. AMBIENTE INSTITUCIONAL

O Centro de Ensino Fundamental 24 (CEF 24) de Ceilândia está situado na QNQ 03 A/E Setor Q - Ceilândia Norte/DF. Criado em 1997, deu início em suas atividades no ano de 1998, no Governo do Professor Cristovam Buarque (PT), com capacidade de atendimento de, em média, 450 alunos por turno, oferecendo o Ensino Fundamental regular no turno diurno e o Ensino Médio regular no turno noturno. No ano de 2009, deu-se início aos trabalhos desenvolvidos com a Educação de Jovens e Adultos (presencial) no turno noturno, inicialmente com o 2º segmento e, em 2011, também com o 3º segmento. Atualmente conta com o corpo discente composto por 1638 alunos (em sua maioria de baixa renda) e corpo docente de 56 professores, incluindo os destinados a cargos específicos (direção e coordenação).

A missão do CEF 24 é desenvolver ações que proporcionem ao educando o aprimoramento de suas habilidades, autoestima e o exercício da cidadania, fazendo das ações educativas instrumentos de transformação nos aspectos cognitivo, social, cultural, econômico e artístico, oferecendo ensino de qualidade e compromisso com o sucesso da aprendizagem.

Os projetos do CEF 24, presentes no Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, abordam temas macro que, desmembrados ao longo do ano, podem subsidiar no alcance das metas e objetivos da Instituição. O desenvolvimento dos mesmos deve direcionar a prática de atividades diversificadas e a interdisciplinaridade, pois se tratam de projetos fundamentais para o desenvolvimento de alunos críticos e conscientes de seu papel social. São eles: Projeto de Informática; Projeto Cidadania; Projeto Meio Ambiente; Projeto Interventivo; e Programa Escola Aberta.

A escola é distribuída em dois andares sem elevador, não tendo, portanto, acessibilidade adequada, conforme com os padrões atuais. Sua estrutura física dispõe de 14 salas de aula (de tamanhos diversificados, algumas muito grandes, outras pequenas demais), uma sala de leitura, um laboratório de informática (recém-criado), duas quadras poliesportivas (sendo que ambas foram construídas recentemente), além de espaço destinado à cantina, aos banheiros e área administrativa/pedagógica da escola (direção, secretaria, sala de recurso, sala dos professores e sala de apoio da limpeza).

A instituição tem um Conselho Escolar participativo que atua na destinação e fiscalização de como são aplicados os recursos públicos. Quanto às questões pedagógicas, as Coordenações Coletivas, por Área e as Individuais ocorrem de forma harmônica com o Projeto Político Pedagógico da escola.

4. CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA / JUSTIFICATIVA / MARCO TEÓRICO

A ausência de leitura (literatura) em nossa comunidade é notória, tanto a indisposição quanto a falta de tempo são os motivos dados pelos alunos, além daqueles que não tiveram boa convivência com a leitura e, por isso, não leem porque não gostam. Entretanto, essa preocupação inicial deu margem para outra preocupação diagnosticada: nossos alunos não leem quase nada. Sabe-se que a leitura de revistas, jornais, críticas, hipertextos – assuntos diversos que estão presentes em vários gêneros textuais, não somente em livros de literatura – são de extrema importância para a formação de um cidadão ativo na sociedade.

A partir disso, nossa ideia é que o Projeto de Intervenção Local (PIL) tenha a ousadia de atingir não somente nossos alunos, mas também o local em que eles residem, trabalham, convivem. Percebemos que a prática da leitura, de qualquer tipo de texto (desde que de qualidade), é de grande valia para nosso aluno da EJA, tendo em vista que ele quase nada lê. Acreditamos também que o incentivo e o gosto pela leitura, a partir do projeto, cheguem não somente à vida dos alunos, mas também às de suas famílias, amigos, vizinhos, colegas de trabalho. Queremos casulos vazios, pois, por meio da leitura, veremos pequenas lagartas se transformarem em belas borboletas alçando grandes voos.

4.1- O TRABALHO COM A LEITURA EM SALA DE AULA: CRÍTICA E PERSPECTIVA

O ensino de Língua Portuguesa, apesar de pertencer à área de humanas, costuma ser trabalhado com tanto tradicionalismo que, em algumas vezes se aproxima de uma ciência exata. Muitos profissionais cometem o pecado de repassarem a forma de ensino que viveram em décadas anteriores, o que acaba tornando as aulas de Língua Portuguesa algo desinteressante, entediante, monótono e sem sentido, principalmente para o aluno da EJA.

O estudo tradicional gira em torno de si mesmo, não proporciona ao estudante fazer grandes voos. Com a modernidade, o desenvolvimento das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), as novas abordagens no campo da psicologia educacional e a aplicação de métodos de ensino mais eficazes esses voos veem se tornando possíveis. Muito do que se ensina tem um objetivo em comum: aprovação em vestibulares e concursos, ganhar dinheiro, crescer profissionalmente. Mas será que isso é mesmo o mais importante? Será que não temos graduados, mestres e servidores alienados?

É necessário ensinar a andar, não simplesmente dar um patinete. A contemporaneidade tende a conduzir as pessoas para uma vida fácil, para a busca de caminhos curtos, o que, possivelmente, construirá um adulto deficiente em suas capacidades cognitivas e sociais. Será que o que ensinamos produz incômodo em nossos alunos e os instigam a pensar, a refletir sobre sua realidade social e participação em sua comunidade, em seu trabalho? Para Paulo Freire, o educando precisa sempre estar incomodado, inclusive consigo mesmo: “O conhecimento exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer uma ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em inversão e em reinvenção”.

O cantor Gabriel o Pensador foi feliz ao compor a música *Estudo Errado* (1994), presente no álbum *Ainda É só o Começo*, sendo capaz de transcrever toda a angústia que atormenta nossos alunos e que, de certa forma, produz insegurança quanto ao futuro de cada um:

[...] Eu gosto dos professores e eu preciso de um mestre/Mas eu prefiro que eles me ensinem alguma coisa que preste/O que é corrupção? Para que serve um deputado?/Não me diga que o Brasil foi descoberto por acaso!/Ou que a minhoca é hermafrodita./Não me faça decorar as capitâneas hereditárias!.../Vamos fugir dessa jaula! [...] E me disseram que a escola era meu segundo lar/E é verdade, eu aprendo muita coisa realmente/Faço amigos, conheço gente, mas não quero estudar pra sempre!/Não tenho outra saída/Mas o ideal é que a escola me prepare pra a vida/Discutindo e ensinando os problemas atuais/E não me dando as mesmas aulas que eles deram pros meus pais [...] Encarem as crianças com mais seriedade/Pois na escola é onde formamos a nossa personalidade/Vocês tratam a educação como um negócio/Onde a ganância, a exploração e a indiferença são sócios/Quem deveria lucrar só é prejudicado/Assim vocês vão criar uma geração de revoltados [...]

Embora nosso público seja composto, em sua maioria, por adultos, não se pode fechar os olhos para problemas que são pertinentes a qualquer aluno, independentemente de sua idade. O que se ensina é peça fundamental para a formação da personalidade? O estudo está servindo de caminho para a emancipação e mudança? O pilar central capaz de proporcionar ao aluno uma trajetória emancipatória e frutífera é o professor. Apesar de qualquer sistema educacional, o professor pode, se quiser, fazer a diferença, modificando seu ambiente de trabalho e mesmo assim cumprir com seus conteúdos programáticos e obrigações, mas de uma maneira que possibilite maior aproveitamento do que realmente vale a pena, o que contribuirá na transformação da ideologia de cada aluno.

Precisa-se usar o estudo de Língua Portuguesa para abrir os cadeados que aprisionam o aluno em seu mundo. Tornar esse estudo uma ponte para que ele possa ler o mundo, ser capaz de decodificá-lo, refletir e reagir sensatamente aos estímulos aos quais é

exposto. Bechara diz, em seu livro *Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?* (1989), que a linguagem é responsável por tornar a pessoa livre: ...“cada falante é um poliglota na sua própria língua, à medida que dispõe da sua modalidade linguística e está à altura de decodificar mais algumas outras modalidades linguísticas com as quais entra em contato” (BECHARA, 1989:p.13-14).

Entretanto essa liberdade, segundo Bechara (1989:p.15), pode ser comprometida se as realidades diatópicas (diversidade de dialetos regionais), diastráticas (diversidade de nível social) e diafásica (diversidade de estilo de língua) não forem respeitadas. A partir disso é possível entender que o aluno da EJA não é uma tábula rasa (tese de John Locke publicada em seu livro *Ensaio acerca do Entendimento Humano*, 1690), ele tem sua história, seus conhecimentos prévios e afinidades, os quais acabam influenciando e interferindo em seu processo de aprendizagem escolar.

O professor de Língua Portuguesa tem por obrigação ministrar conteúdos que proporcionem aos alunos compreender o mundo ao seu redor, em diversos campos do saber, reforça Bechara (1989:p.24). Isso porque tudo é texto, podemos usar qualquer área do conhecimento para se estudar gramática, linguagem ou fazer algum tipo de interpretação.

O ser poliglota, definido por Bechara (1989), é um produto escolar, pois é o professor e a escola que farão com que o aluno saiba adequar sua linguagem de acordo com suas necessidades e interesses. “Não cabe à instituição de ensino a simples substituição da norma coloquial usada na língua funcional do aluno pela norma culta usada na língua funcional da escola” (BECHARA, 1989:p.40).

Deve-se, portanto, utilizar o que o aluno de EJA traz em seu baú de vida para enriquecer e, até, conduzir os processos pedagógicos. E para que a leitura tenha real significado na vida acadêmica desses alunos é necessário que compreendam e acreditem na leitura como aprendizagem capaz de interferir na aquisição de novos conhecimentos e que ela pode facilitar a compreensão e/ou resolução de problemas envolvendo novas aprendizagens.

Essa atitude no aluno é possível se o professor utilizar, por exemplo, a Metodologia da Transferência de Aprendizagem em sala de aula, método esse desenvolvido a partir de pesquisas psicológicas sobre transferência de aprendizagem pela Dra Madeline Hunter, presentes em seu livro *Ensino para transferência: um livro programado* (1983). Segundo a autora, “a essência da criatividade e resolução de problemas encontra-se na capacidade do aluno em transferir aprendizagens anteriores para solução criativa de problemas presentes” (HUNTER, 1983:p.9).

A ideia é aplicar a Teoria da Transferência (aplicação de aprendizagem anterior que influencie na aquisição de nova aprendizagem) utilizando a prática da leitura como ponte entre o conhecimento apreendido e o conhecimento a ser adquirido. No caso dos alunos da EJA, a aprendizagem advinda dos livros literários servirá de base na leitura, compreensão de textos e resolução de problemas das diversas disciplinas: Língua Portuguesa, Química, Filosofia, Biologia, Geografia, Física, Matemática, Sociologia, Arte, Educação Física, História. Para Hunter (1983:p.10) “a transferência de aprendizagem fornece uma fonte de economia real de tempo e energia”.

A Dra Irandé Antunes, em seu livro *Aula de Português: encontro & interação* (2003), proporciona ao professor de Língua Portuguesa reflexões acerca de seu papel enquanto mediador do mundo e não apenas um ditador de regras gramaticais. A autora faz referências às práticas menos positivas que acontecem nas atividades pedagógicas de ensino da Língua Portuguesa, no campo da oralidade, da escrita, da leitura e da gramática.

Antunes (2003:p.27-31) apresenta vários pontos não positivos dessas práticas relacionados ao modo como a leitura é trabalhada em sala de aula, sendo que a maioria deles se encaixam perfeitamente em nossa reflexão acerca da leitura como caminho para a emancipação social do indivíduo. O papel social da leitura é bem reforçado por Antunes (2003), pois, algumas vezes, a metodologia usada para trabalhar a leitura em sala de aula direciona o aluno para algo sem sentido para ele, sem um foco maior, não o levando à compreensão de seu papel social, sobretudo, o papel do aluno no mundo do trabalho.

O estudo de qualquer texto deve ser para além dele, não limitando o aluno em uma folha branca cheia de letras e incapaz de interferir diretamente em sua vida, praticando assim “uma atividade de leitura sem interesse, sem função, pois aparece inteiramente desvinculada dos diferentes usos sociais que se faz da leitura atualmente” (ANTUNES, 2003:p.27). Os temas trabalhados em sala de aula precisam ser atuais, interessantes, bem mediados e de intervenção social (no mínimo comunitária), para que o aluno saia de sua zona de conforto, incomodando-se e sendo conduzido (imediate ou posteriormente) a uma reflexão sobre o assunto trabalhado, produzindo frutos, discutindo sobre os temas em casa, na escola, entre os amigos do trabalho, com vizinhos etc.

Um erro recorrente entre os professores de Língua Portuguesa – que acaba sendo também cometidos pelos demais profissionais de outras áreas – é tornar toda leitura uma espécie de “caixa de Skinner” (faça e ganhará a recompensa), em que o texto é somente um meio avaliativo para compor a nota bimestral. Os textos são instrumentos fantásticos de condução de pensamentos, o fato de dar um valor pela leitura e posterior cobrança de sua interpretação é minimizar o poder de transformação que esses textos podem ter na vida do indivíduo. Avaliar é algo estritamente burocrático e muito presente no

ambiente escolar, como se fosse uma finalidade e não um meio de conduzir o trabalho pedagógico. Tornar todo o processo quantitativo é um grande erro! Isso acontece a partir de quando se desenvolve “uma atividade de leitura puramente escolar, sem gosto, sem prazer, convertida em momento de treino, de avaliação ou em oportunidade para futuras ‘cobranças’”(ANTUNES, 2003:p.28).

As atividades desenvolvidas com textos não podem podar “no aluno a compreensão das múltiplas funções sociais da leitura”. Um dos seis pontos levantados por Antunes (2003:p.28), quanto ao trabalho errôneo feito com a leitura em sala de aula, reforça que não se deve fazer:

leitura cuja interpretação se limita a recuperar os elementos literais e explícitos presentes na superfície do texto. Quase sempre esses elementos privilegiam aspectos apenas pontuais do texto [...], deixando de lado os elementos de fato relevantes para sua compreensão global.

Antunes (2003) não só aponta erros, mas também sugeri que se faça um redimensionamento interacional da linguagem nos quatro campos anteriormente citados: oralidade, escrita, leitura e gramática. Quanto à leitura e suas implicações pedagógicas, a autora suscita que o professor de Língua Portuguesa deva promover “uma leitura de textos autênticos, de um todo, que seja interativa, em duas vias, motivada, crítica, diversificada, apoiada no texto, não só das palavras expressas no texto, nunca desvinculada do sentido, que possibilite a reconstrução do texto e também por ‘pura curtição’ ”. (ANTUNES, 2003: p.79-85)

A partir disso é notória a importância de se proporcionar ao estudante da EJA uma leitura que o faça voar da cadeira sem sair do lugar, que o leve a refletir, a questionar e a se inquietar diante dos fatos, transformando sua realidade e participando mais ativamente da sociedade. Para tanto, a escolha correta dos textos é de extrema importância, pois não podemos ficar presos a cânones e a textos literários. A leitura de jornais, revistas, economia, política, assuntos polêmicos e atuais, publicações diversas, tudo é instrumento riquíssimo para uma aula de português. Instrumentos esses que devem ser explorados para não formarmos pessoas alienadas e receptivas a tudo o que lhe é dado, independente de ser bom ou ruim.

O mundo em que vivemos, mais exatamente a sociedade brasileira em sua atual conjuntura, pede que as pessoas sejam mais críticas e se mobilizem contra o que está errado. A comoção é nacional quando o assunto é corrupção, injustiça, falta de segurança, de trabalho, de boa educação e de bom atendimento hospitalar. E para isso, os profissionais de educação são peças primordiais nessa conscientização popular, pois nossos alunos são

influenciados por nossas palavras, exemplos e discursos, por isso temos o dever de levar a boa informação até eles e instigá-los a desenvolver um pensamento crítico e construtivo.

Nesse contexto, o professor deve ocupar o papel de educador. Na verdade, essa é uma de nossas missões. Entretanto, é necessário que esse papel seja compartilhado com todos os docentes da instituição de ensino, pois não se pode atribuir certas obrigações do “ser educador” somente ao professor de Língua Portuguesa. Tratar de assuntos diversos que contribuam com a formação da personalidade dos alunos ou que os façam refletir acerca do mundo em que vivem não é papel somente do professor de português. Todos devem estar envolvidos nesse processo e se dedicarem a fazer a diferença em um mundo que precisa de bons mediadores (professores) entre as pessoas e toda a enxurrada de informações que a mídia os fornece e, de certa forma, força-os a aceitar e a encará-las como “normalidade”. O professor universitário Luiz Carlos de Assis Rocha, em seu livro *Gramática: nunca mais – o ensino da língua padrão sem o estudo da gramática* (2002), faz referência aos papéis de professor e de educador:

O papel do educador é mais geral e mais profundo. Está relacionado com a própria condição do ser humano. É de se supor que todo professor cultive, preserve e transmita aos seus alunos os valores básicos da nossa cultura e da nossa sociedade, tais como a defesa da democracia, o exercício pleno da cidadania, o apreço pelo ser humano, a aversão aos preconceitos, o respeito aos símbolos nacionais, a preocupação com o meio ambiente, o combate à violência, etc. Observe-se que essas posturas não se aprendem nos bancos de faculdades, nem mesmo nos livros escolares, mas brotam do convívio com os familiares, amigos e colegas, do contato com os nossos professores, da convivência dos alunos, da leitura de obras escolhidas, enfim, da interpretação do mundo, da vida e da sociedade que um educador deve ter. (ROCHA 2002:p.25-26)

O peso colocado sobre os ombros do professor de Língua Portuguesa é, portanto, enorme, pois esse é visto como se fosse o único responsável por trabalhar determinados valores em sala de aula além de ensinar a língua padrão. Dessa forma, todo comentário acaba recaindo sobre esse profissional, pois se os alunos não leem corretamente uma atividade de Ciências, não interpretam um problema de Matemática, não escrevem direito em uma atividade de Geografia ou não sabem fazer um resumo de História, tudo acaba sendo culpa de uma provável falta de competência do professor de Português ou de sua falta de comprometimento com o ensino. É importante enxergar que o estudo de Língua Portuguesa não se resume somente a uma escrita correta, a algo tão mecânico. Interpretar, compreender textos de diversas áreas também faz parte, mas o desempenho negativo do aluno não pode recair somente sobre o professor de português.

O ideal seria se o tempo dispensado para o estudo de textos fosse maior, entretanto os currículos em geral, inclusive o atual Currículo em Movimento da Secretaria de

Estado de Educação do Distrito Federal, acabam forçando esse profissional a deixar um pouco de lado tal estudo em detrimento do estudo da gramática. Pensamento esse reforçado pelas palavras da Dra Maria Aparecida Pauliukonis (2007), em seu artigo *Texto e Contexto*:

Tradicionalmente, o ensino de texto sempre encontrou muitas dificuldades de delimitação; em primeiro lugar, porque não se apresenta um programa bem definido como existe, por exemplo, para a sintaxe, a morfologia, a fonética e a fonologia, temas da gramática da frase e, em segundo, também devido ao espaço menor de tempo dedicado a ele pelos professores, sobrecarregados pelo cumprimento dos extensos programas curriculares, centrados em uma metalinguagem de classificação e de reconhecimento dos elementos gramaticais. (PAULIUKONIS, 2007:p.240)

Solidificando suas palavras, Pauliukonis (2007) cita José Carlos de Azevedo:

A questão é bastante complexa e a resposta não pode ser simplista; é oportuno citar as palavras de José Carlos de Azevedo, em seu lúcido artigo “A quem cabe ensinar a leitura e a escrita?”, no qual advoga que o ensino da leitura e da redação é função de todas as disciplinas e não se pode sobrecarregar o professor de língua e de literatura com essa tarefa; acrescenta ainda que a solução do problema é institucional e política, pois “[embora] autoridades acreditem que a atualização [dos professores] é necessária, não se importam em obter um diagnóstico da viabilidade dos projetos ou das experiências em curso nas escolas” (AZEVEDO, in PAULIUKONIS, 2007:p.240-241)

Tudo isso salienta o quanto é importante o trabalho coletivo em uma Instituição de Ensino. Todos precisam se ajudar para que o êxito de nossos alunos seja significativo. Os alunos da EJA precisam muito mais ler o mundo do que fazer meras interpretações textuais que se resumem em uma nota semestral. Isso é ter uma visão simplista do ensino, podar o sucesso de nossos alunos, cortar as asas que os possibilitam de alçar grandes voos.

Uma sala de aula contém uma enorme diversidade de personalidades, opiniões, pensamentos, modos de se expressar e tudo o que pode envolver a participação de uma pessoa na sociedade. Nossa sala é um celeiro de críticas, de novos ideais e de formação de opiniões, não podemos, pois, deixar que essa oportunidade passe. Precisamos suscitar a interação entre os alunos, mover as discussões, mediar os conflitos, para que eles aprendam a se expressar adequadamente e a respeitar o ponto de vista dos outros. Devemos desenvolver, assim, a argumentação persuasiva, pois só dessa maneira nossos alunos conseguirão se impor em sua comunidade e fazer parte da sociedade como

protagonistas, não mais como meros espectadores. A favor da interação, Pauliukonis (2007) diz que:

A perspectiva discursiva considera a linguagem como processo de interatividade de sujeitos inscritos em uma determinada realidade social, que têm uma percepção de mundo e um projeto de interação. Nesse sentido, a prática discursiva vincula-se aos sujeitos e a seus projetos comunitários que nela estão instituídos de uma determinada forma. (PAULIUKONIS 2007:p.247)

Muitos alunos que voltam a estudar na EJA iniciam o ano com animação para aprender, mas quando percebem que seu rendimento está abaixo da média, quando se conscientizam que suas práticas de escrita e leitura estão aquém do desejado, o primeiro pensamento é desistir por conta da frustração em não conseguirem ler e escrever adequadamente. Alguns adultos chegam a dizer que não entendem quando leem, mas quando o professor lê compreendem um pouco melhor. Apoiando-se, somente, na leitura do professor, vários alunos se tornam acomodados e evitam decodificar os signos linguísticos de modo coerente no momento em que se lê, ou seja, não conseguem obter significado plausível no que leem.

Essa situação ocorre por falta de contato com os livros, por falta de incentivo à leitura e porque a aprendizagem como um todo passa por processos, muitas vezes, longos, não se aprende algo de uma só vez. Como na matemática, por exemplo, parte-se do concreto para o abstrato e se aprende uma fórmula de cada vez, na leitura não é diferente, as várias etapas que envolvem os elementos que a compõe serão apreendidas ao longo do processo. Segundo a pesquisadora Ivete Pieruccini (2011) a apropriação da cultura e da construção de sentidos da leitura é um processo permanente. Para que o aluno leia e compreenda o que leu é necessário que o educador apresente ferramentas capazes de orientar o educando em seu desafio como descobridor de palavras, signos, imagens, ícones, símbolos. “Não se pode deixar o aluno abandonado à própria sorte, supondo-se que por si só construirá os conhecimentos indispensáveis para se tornar leitor interessado, crítico, participativo” (PIERUCCINI, 2011:p.90).

Principalmente em se tratando de alunos da EJA que não apresentam um histórico escolar cronológico ou sequencial, há casos de alunos que pararam de estudar a mais de trinta anos e aqueles que estudam um ano, param dois, três. Nesse caso, além de incentivar a leitura, é preciso que o professor levante o moral do educando, elevando sua autoestima e o encorajando a estudar, a permanecer na escola, a não desistir de seus sonhos e ideais.

O aluno precisa entender que ler é um ato dialógico, entre ele e o escritor e porque não dizer triológico, entre ele, o escrito e o seu conhecimento de mundo. Para Paulo Freire “a leitura de mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não

possa prescindir da continuidade da leitura daquela” (FREIRE,1988: p.11). No momento da decodificação da leitura o leitor/receptor interage com o autor/emissor ao associar aos signos significados ao seu conhecimento de mundo e significantes ao seu conhecimento linguístico. Essa associação permite ao leitor controlar o fluxo comunicacional no diálogo entre escritor e leitor como o autor Edmir Perrotti (2011:p.29) afirma:

Desse movimento de dupla direção, deve-se registrar a importante questão da autonomia do leitor face ao fluxo comunicacional, mesmo se preso a horizontes que o próprio texto e seus contextos comportam. Tal fato permiti-lhe singularizar-se ao tomar decisões frente aos signos e amplia seus espaços de apropriação de conhecimento e cultura. A natureza da escrita da escrita possibilita-lhe respirar em seu próprio ritmo, com liberdade. Se quiser e puder, imprime seu tempo pessoal aos textos, singularizando-os, num movimento paralelo à sua própria singularização.

Assim, quanto mais o aluno ler, mais os seus conhecimentos de mundo e linguístico se ampliarão. Esses conhecimentos são essenciais para a compreensão de textos das diversas disciplinas. São os chamados conhecimentos prévios (cognitivos, históricos, religiosos, afetivos, políticos, socioculturais). Eles entram em cena para dar coerência a determinado assunto do texto. Muitas vezes o leitor acredita que parte do texto ou o texto inteiro é incoerente, mas, na verdade, o que falta nesse leitor é conhecimento prévio para entender o que está escrito nas entrelinhas, para estabelecer inferências, levando em consideração o contexto e, inclusive, para ler no dito o não dito.

Da mesma forma que o conhecimento prévio é transferido para o entendimento do texto para reter informação, a compreensão desse texto será transferida para a interpretação de outros textos de conteúdos variados. Mas para que isso aconteça, o aluno-leitor precisa ter consciência desse processo de transferência de uma aprendizagem para outra (HUNTER:1983) e, sobretudo, valorizar todas as leituras possíveis. Perrotti (2011) divide as razões para ler em quatro modalidades: leitura-passatempo, leitura-informação, leitura-conhecimento e leitura-encantamento. É importante que o aluno da EJA transite com consciência por essas modalidades e perceba que para cada tipo de leitura se exige um propósito específico. A primeira modalidade é a leitura-passatempo é aquela que ocorre por acaso, sem programação ou intenção de lermos algo. Ocorre principalmente quando o tempo permite ficar à toa, a espera de um compromisso, no consultório médico, na fila de um banco etc.

Trata-se da leitura feita nos hiatos do tempo ‘útil’, com o intuito de ‘matar o tempo’ (...) Essa modalidade de leitura, espécie de vícios aos leitores contumazes, tem a qualidade de poder imprimir prazer e contentamento às horas ‘mortas’ e de oferecer delícias inesperadas ao romper a lógica rotineira dos cronômetros (PERROTTI, 2011:p.31).

A segunda, por ser uma leitura que procura novidade, é dinâmica, por isso o leitor além de ler textos publicados, como jornais, apropria-se das formas de comunicação modernas como os hipertextos, e-mails, facebook, blogs, whatsapp, entre outros. “Para a vida prática, a função mais importante da leitura talvez seja a de oferecer informações necessárias à resolução de inúmeros problemas cotidianos” (PERROTTI, 2011:p.33).

Ler para conhecer exige do leitor mais compromisso e competência linguística para decodificar os signos linguísticos recorrentes à linguagem, quer seja de cunho científico, históricos, artístico, quer seja filosófico. “Se nossa razão de ler não é simplesmente sobreviver, mas enfrentar mistérios que nos desafiam, estamos em outro patamar de exigência face à linguagem” (PERROTTI, 2011:p.35). Talvez seja essa a primeira lição da escrita: encantar. Um leitor encantado chega ao ápice da leitura, torna-se criança na forma mais pueril do termo e se criança for, torna-se gigante, herói. A leitura-encantamento “transforma, transtorna e transborda” o leitor:

Ela desconstrói códigos, mas também os recria, num movimento permanente de renovação dos signos e do leitor. É força libertária de construção da identidade e de cultura. (...) A leitura-encantamento é, nesses termos, celebração da vida e de suas possibilidades, como nos ensinou Paulo Freire (PERROTTI, 2011:p. 37).

A doutora em Psicologia Isabel Solé (1998) em seu livro *Estratégia de leitura* (apud, ORENSZTEJ e MOREIRA, O desafio de formar leitores. 2011:p. 43-58) estabelece a finalidade da leitura de acordo com sete propósitos os quais podem auxiliar os alunos a construir seus próprios critérios para selecionar o que, onde, como, por que e para que ler: ler para obter informação de caráter geral, ler por prazer, ler para aprender e para estudar, ler para revisar um escrito próprio, ler para comunicar um texto a um auditório, ler para praticar a leitura em voz alta, ler para seguir instruções.

Compreender esses propósitos é necessário para que o objetivo da leitura não se perca. Por exemplo, a finalidade de ler para aprender é diferente da finalidade de ler para estudar. Nesta o aluno deve utilizar a leitura para reter conhecimentos, naquela aprende-se determinado conteúdo a partir da leitura. Segundo Miriam Orensztejn e Suzana Moreira (2011:p.52), “para ler e aprender é preciso ter dúvidas que justifiquem e guiem a leitura”. O aluno precisa perceber que para cada propósito de leitura é necessário um olhar determinado e uma atitude cognitiva específica.

O cérebro precisa ser incentivado a direcionar a leitura para cada finalidade, a fim de otimizar o tempo, a aprendizagem e o gosto pela leitura. Os textos apresentam diferentes características e especificidades, como textos impressos e eletrônicos, para cada modalidade textual haverá um suporte que implica em saberes de leitura especial. Cada

texto apresenta uma lógica própria em sua organização com intenções e objetivos claros. A leitura de uma bula de remédio é diferente da leitura de um conto ficcional, a leitura de um hipertexto pressupõe habilidades e competências para o leitor se apropriar da informação. A aplicação dos propósitos de leitura permite ao educador elaborar atividades significativas e com diferentes estratégias de leitura a fim de desenvolver a autonomia leitora dos alunos. Mas a aplicação equivocada de um propósito pode, ao invés de incentivar a leitura, distanciar e frustrar o iniciante leitor.

A leitura em voz alta, por exemplo, se aplicada como mero instrumento avaliativo para o professor observar se o aluno ler com fluência ou se acompanha a leitura de outro colega (quando o professor pede que continue a leitura a partir do ponto que o colega parou) só expõe o aluno à situação vexatória, caso esse ainda não se sinta familiarizado com a leitura. Situações como essas, além de não ensinar, mantêm o aluno distante da leitura. Para que o propósito da leitura em voz alta seja atingido é necessário que o educador planeje e o aluno tenha tempo para ensaiar antes de apresentar a leitura para a turma. Ao praticar, com orientação adequada, a leitura em voz alta, o aluno saberá se comportar diante dos colegas, ganhará maior fluência/velocidade ao ler e conhecerá diversos tipos de textos.

A aplicação dos propósitos de leitura é importante inclusive para manusear o livro: lendo o prefácio o aluno poderá avaliar o livro; conhecendo o autor, o aluno poderá identificar com quem irá dialogar no ato da leitura; visualizando as imagens, poderá relacioná-las ao conteúdo e aumentar sua concentração durante a leitura. Em se tratando de periódicos (jornais, revistas), o aluno perceberá que sua estrutura está organizada em artigos, colunas, cadernos, notas, na qual deverá aplicar propósitos diferenciados de leitura para cada parte.

Já os hipertextos – por apresentarem a possibilidade de unir diferentes tipos de informações verbais e não verbais, como fotografias, vídeos, músicas em um mesmo texto conectado com diversos *links* interligados simultaneamente – propõem um novo olhar sobre o ato de ler, uma nova modalidade de ler. Navegar na internet desencadeia uma leitura de múltiplos propósitos, pois a internet é território livre em que se publica de tudo, tanto informações com fonte seguras e autorizadas até o chamado lixo informacional com conteúdos equivocados, inverídicos, sem fontes confiáveis.

Por isso é preciso ficar atento ao utilizar a leitura eletrônica na *web*, mesmo porque a frieza que existia entre o homem e a máquina vem sendo aquecida pelas redes sociais, computador e homem são cúmplices da leitura. Nesse caso, os versos de Fernando Pessoa “navegar é preciso/ viver não é preciso” tornam-se atuais. Desse modo, compreender e utilizar os instrumentos dos propósitos de leitura com o intuito de selecionar

e otimizar o que se lê é uma medida eficiente na prática de leitura. Para Pieruccini (2011:p.95) “aprender a ler o que interessa em todos os tipos de textos que o livro **e os meios tecnológicos** oferecem representa um salto de qualidade na leitura” (grifo nosso). Portanto uma leitura de qualidade não está apenas no livro, mas também na postura do leitor diante do texto.

4.2- PROJETO DE INTERVENÇÃO LOCAL: AÇÃO E REFLEXÃO

Os espaços para leitura estão se alterando de acordo com a modernidade, se a Biblioteca de Alexandria detinha o conhecimento, hoje em dia com a dominação das TICs, podemos fazer leituras impressas ou virtuais na praia, em casa, na escola, na cama, nos cafés, nas rodas de amigos, assistindo à televisão, ouvindo músicas, no ônibus, no metrô, enfim “os espaços também são elementos do ato de ler”. (PIERUCCICI, 2011:p.78). Nessa perspectiva, para que aja um melhor aproveitamento da leitura, os espaços devem ser repensados, especificamente, para ler.

Em Brasília, por exemplo, as estantes de livros distribuídas nas paradas de ônibus fizeram sucesso enquanto o projeto se manteve ativado. Os livros expostos no Açougue T-Bone, na Asa Sul, dão o recado aos clientes: alimentem o corpo com carnes e a alma com leituras. Em várias estações do metrô o Projeto Mala do Livro está presente, emprestando livros aos passageiros-trabalhadores. Em outros estados, há diversas experiências de sucesso ao transformarem espaços para que a leitura se torne apropriada a partir da vontade de ver as pessoas, simplesmente, lendo. É o caso da borracharia, no estado de Mato Grosso, repleta de livros. A ideia do trocador de pneu leitor e promotor de leitura é fazer o serviço enquanto o seu cliente se diverte com os livros organizados em estantes de sua borracharia.

Nosso Projeto de Intervenção Local (PIL) é um convite à prática da leitura e tem a intenção de transformar espaços para que o aluno da EJA valorize a leitura em todos os seus aspectos, como também aprendam a ler com objetividade e, sobretudo, com prazer. A aceitação desse convite à leitura pelo aluno dependerá da maneira como ele for feito. Segundo a pesquisadora Sílvia Oberg (2011:p.105) “a escola é a principal responsável pela entrega do convite para que se entre no jogo literário”. Nós faremos quatro convites à comunidade escolar do Centro de Ensino Fundamental 24 de Ceilândia por meio das seguintes atividades: Leitura Coletiva: Trabalho e Cidadania, Sacola Literária, Livros no Meio do Caminho e Clube de Professores Leitores.

A atividade “Leitura Coletiva” será desenvolvida com leituras de textos selecionados pelos professores abordando o tema Trabalho e Cidadania. Para o primeiro

semestre de 2014 serão selecionados cinco textos. A cada 20 dias um texto será lido em um momento específico por todos os alunos e professores ao mesmo tempo e, posteriormente, trabalhados em sala de aula de modo multidisciplinar com ênfase na Teoria da Transferência (HUNTER, 1983:p.9).

Com o intuito de aproximar os alunos dos livros (olhar, tocar, folhear, sentir, respeitar, ler, apaixonar-se), desenvolveremos as atividades “Sacola Literária” no primeiro semestre de 2014 e “Livros no meio do Caminho” a partir do segundo semestre de 2014.. Para valorizar o ato de ler entre o corpo docente do CEF 24 formaremos, também no segundo semestre de 2014, um “Clube de Professores Leitores”. No primeiro momento, pediremos que todos os alunos, servidores, professores da escola doem, pelo menos, dois livros de literatura (brasileira, estrangeira, infantil, juvenil, adulta). Em outro momento, pediremos a doação de livros de conteúdo diversificado (autoajuda, filosofia, religião, técnico), assim como revistas e gibis. Material para a realização do Projeto de intervenção Local.

Para a atividade “Sacola Literária” confeccionaremos, inicialmente, cinco sacolas personalizadas para cinco das treze turmas e as encheremos de fantasias, dramas, alegrias, conflitos, imaginação, moinhos de vento, realidade, suspense, sonhos, enfim, livros. Acreditamos no poder de transformação sociocultural que um livro carrega em suas páginas. Segundo Paulo Freire “a pessoa conscientizada tem uma compreensão diferente da história e de seu papel. Recusa acomodar-se. Tende a mobilizar-se, organizar-se para mudar o mundo”. Para que essa mudança ocorra, Mário Quintana sugere os livros: “Os livros não mudam o mundo. Os livros mudam as pessoas, as pessoas mudam o mundo”; e Paulo Freire, a educação: “A Educação não transforma o mundo. A Educação transforma as pessoas, as pessoas transformam o mundo”.

Colocaremos em cada sacola cerca de 10 a 15 livros e revistas/gibis, de interesse tanto para crianças, quanto para adolescentes, jovens e adultos, e pediremos aos alunos que as levem para suas casas. Faremos a sugestão de que nossos alunos leiam os títulos, subtítulos, preâmbulos, orelhas, prefácios, dedicatórias, índices, notas de rodapé, bibliografias, capítulos para terem uma noção geral sobre o conteúdo que estavam carregando nas sacolas. Após o contato inicial, a sugestão será que leiam um ou mais livros e que divulguem aos filhos, maridos, esposas, pai, mãe, primos, vizinhos e em seu local de trabalho que em sua casa há livros para serem folheados, lidos, emprestados.

Durante aproximadamente 15 dias, a “Sacola Literária” ficará na morada (namorada) do aluno, fará parte de sua vida. Ao término desse prazo ela irá para outros lares e tentará novamente incentivar o gosto pela leitura e, sobretudo, transformar o aluno em promotor da leitura. Haverá um controle dos empréstimos feitos pelos alunos, por meio

de um caderno, pois assim será possível saber qual tipo de leitura interessa mais à comunidade escolar, quais títulos não são lidos e se o aluno tem feito o papel de incentivador e mediador da leitura. O importante é que o aluno perceba que a sua atitude perante o ato de ler pode modificar a sua situação sociocultural e transformar o lugar em que vive: casa, trabalho, escola. “Seja a mudança que você deseja ver no mundo” (Mahatma Gandhi). Como demonstra a pesquisadora Ivete Pieruccini:

Um exemplo ajuda-nos a perceber a importância de um lugar para a leitura em família. Contou uma senhora que, depois que uma de suas crianças passou a levar para casa livros de histórias emprestados da biblioteca da escola, a rotina de sua casa se transformou. A mãe, mesmo cansada do trabalho como empregada doméstica, começou a reunir os filhos para a hora da leitura. Os livros, trazidos na sacolinha de pano, que ficava pendurada num prego – a estante da casa – aguardando pelo esperado encontro com seus leitores, eram variados. Havia contos de fadas, histórias de suspense, de assombração, de amor e até poemas e adivinhas. (2011:p.82)

Na terceira atividade, “Livros no Meio do Caminho”, vamos colocar uma estante móvel no pátio da escola, alternando o lugar para que em um determinado momento o aluno da EJA, em seu dia a dia escolar, possa se deparar com uma estante repleta de livros no meio do caminho. E, assim, sentir-se, no mínimo, incomodado e/ou curioso com a presença de um objeto muito familiar, próximo e, ao mesmo tempo, distante. Um objeto acessível, entretanto ignorado, um objeto conhecido que guarda em si o desconhecido a espera de alguém que possa desvendar seus segredos. Como muitos sentiram-se incomodados com o poema “*No meio do caminho*” de Carlos Drummond de Andrade:

No meio do caminho tinha uma pedra/ tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra/ no meio do caminho tinha uma pedra.// Nunca me esquecerei desse acontecimento/ na vida de minhas retinas tão fadigadas.// Nunca me esquecerei que no meio do caminho/ tinha uma pedra// Tinha uma pedra no meio do caminho/ no meio do caminho tinha uma pedra.

Quando o nosso aluno se deparar com uma estante cheia de livros, possa adentrá-la e descobrir um outro mundo, algo como a metáfora do guarda-roupa nas Crônicas de Nárnia (Lewis:2009 p.103-186). Após o guarda-roupa, leia-se estante, sempre haverá histórias para contar e encantar. Essas histórias, naturalmente, irão se misturar às histórias de mundo dos alunos da EJA. Seguindo o mesmo caminho que Paulo Freire (1988:p.11) trilhou para a alfabetização de adultos: a leitura do mundo sempre precede a leitura da palavra, até chegar a “palavra-mundo”, referindo-se aos métodos de alfabetização que utilizam palavra-texto de modo descontextualizado do mundo do educando. Mikhail

Bakhtin também evidencia a inadequação dos procedimentos de análise linguística isolados na fonética, morfologia e sintaxe da palavra ou da frase para dar conta da enunciação completa. Para Bakhtin a enunciação é compreendida como uma réplica do diálogo social, portanto ideológica.

O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. No entanto, nem por isso a palavra deixa de ser uma. (...) Como conciliar a polissemia da palavra com sua unicidade? É assim que podemos formular, de modo grosseiro e elementar, o problema fundamental da semântica. Esse problema só pode ser resolvido pela dialética. (BAKHTIN, 1981:P.106).

Parafraseando Freire, a leitura do mundo do aluno irá sempre preceder à leitura do livro, “livro-mundo”. Dessa forma, a leitura do mundo dos livros, de alguma maneira, manterá correlação à leitura de vida dos alunos da EJA, da realidade em que se encontra, a ponto de modificá-la a cada leitura, como se cada livro fosse um pequeno degrau de ascensão sociocultural. Segundo Paulo Freire “a leitura é um direito do povo”, que possibilite ao estudante da EJA sua conscientização perante aos problemas socioeconômicos, assim como sua participação como sujeito nos processos políticos e na construção da história de sua vida, de sua comunidade, de sua cidade, de seu estado, de seu país. Como afirmava Monteiro Lobato: “Um país é feito de homens e livros”.

A atividade “Livros no Meio do Caminho” foi concebida para ser aplicado em uma perspectiva de uma Educação Libertária Freireana, por isso conta com a participação do aluno desde a sua concepção, escolha do local, sugestão do modelo da estante, ornamentação, doação dos livros até a efetiva leitura. O aluno, no momento em que a estante atravessar o seu caminho, irá retirar o livro da estante, folheá-lo, lê-lo, levá-lo para casa e devolvê-lo de acordo com sua livre e espontânea vontade.

Acreditamos que com essa liberdade o aluno poderá ser tocado pela magia da leitura e se tornar, com a mediação do professor, um leitor assíduo e competente. Por outro lado, o professor como mediador no despertar do gosto pela leitura deverá questionar o que uma estante repleta de livros faz em seu caminho e comentar para seus alunos a sua experiência de ler um livro daquela estante, quais foram as sensações que aquela leitura lhe trouxe e pedir para que seus alunos contem como foi o contato com a estante, com o livro, com o conhecimento, com a leitura. A Doutora Sílvia Oberg (2011:p.103) comenta que não se pode abrir mão do imprescindível papel do mediador na procura de leitores iniciantes:

Os livros podem fazer convites irresistíveis. Porém, não podemos apostar unicamente neles quando pensamos a formação de leitores. Leitores não

nascem da simples exposição aos livros, mas são constituídos em uma rede de mediações socioculturais variadas, na qual a atuação dos educadores é fundamental.

Para a pedagoga Miriam Orensztejn “é preciso ser leitor para formar leitores”, ela acredita que a maioria dos professores que não tem o costume de ler, só não o tem porque foram desmotivados na escola, quando eram alunos do ensino fundamental e médio. Para que o aluno seja motivado a ler é necessário que veja em seu professor um leitor contumaz, que se encanta com cada palavra, frase, e/ou livro que lê. O professor precisa contar a sua experiência de leitura a seus alunos, deixando-os curiosos para descobrirem os segredos escondidos nas páginas daquele livro que está nas mãos do mestre. E se os alunos da EJA notarem que o mesmo livro circula nas mãos de alguns dos seus professores ficarão ainda mais curiosos. Por isso é importante um clube de professores leitores na escola.

5. OBJETIVOS

5.1- OBJETIVO GERAL

Conscientizar o aluno da EJA sobre o poder de transformação sociocultural da leitura em sua vida comunitária e acadêmica.

5.2- OBJETIVOS ESPECIFICOS

- Inserir e incentivar a leitura na vida do aluno da EJA;
- Desenvolver o interesse pela leitura em nossos alunos e em sua comunidade;
- Suscitar nos alunos senso de responsabilidade para com o bem comum (livros do projeto);
- Desconstruir o papel do Professor de Língua Portuguesa diante do corpo docente, dividindo a mediação do incentivo à leitura entre todos os professores;
- Proporcionar ao aluno da EJA um contato maior e melhor com livros literários, revistas, jornais etc, desconstruindo a visão de que ler é ruim ou, apenas uma obrigação escolar;
- Modificar a ideia de que a leitura deva ser vista apenas como meio de aprovação, mas sim como um caminho para uma mudança sociocultural.

6. ATIVIDADES

A nossa primeira meta é convidar a Direção e os professores da escola a participarem de um Projeto de Intervenção Local. Nesse momento explicaremos o que é um PIL e daremos a sugestão que a intervenção possa ser feita em relação à prática de leitura. Nas coordenações posteriores, apresentaremos quatro atividades que servirão de mediação para incentivar o hábito de leitura e a possibilidade de aplicá-las ao longo do ano de 2014 e nos anos seguintes. Organizaremos o calendário para aplicarmos duas atividades no primeiro semestre e duas a partir do segundo. No primeiro semestre, desenvolveremos as atividades “Leitura Coletiva: Trabalho e Cidadania” e “Sacolas Literárias” e, no segundo, iniciaremos as atividades “Livros no Meio do Caminho” e “Clube dos Professores Leitores”.

6.1- ATIVIDADE LEITURA COLETIVA: TRABALHO E CIDADANIA

- Reunião com os professores para a seleção de cinco textos com temas diversificados;
- Elaboração de uma apostila com os textos selecionados;
- Escolha de datas para aplicação dos textos. A cada 15 dias um texto será trabalhado coletivamente em toda escola. A ideia é que todos (alunos, servidores, professores) leiam o texto ao mesmo tempo, no mesmo horário;
- No dia e horário combinado, cada professor conduzirá a leitura com sua turma e posterior debate, relacionando o texto ao universo do aluno da EJA, principalmente às questões trabalhistas;
- Após a primeira leitura coletiva do texto, em outro dia, os professores de Português e de outras disciplinas afins darão continuidade à compreensão e interpretação do texto.

6.2- ATIVIDADES SACOLA LITERÁRIA E LIVROS NO MEIO DO CAMINHO

- Conscientização sobre a importância da leitura;
- Elaboração de diagnóstico sobre o nível de leitura dos alunos;
- Explicação sobre o projeto para os alunos;
- Primeira campanha de doação: livros literários;

- Segunda campanha de doação: livros diversificados, revistas, gibis;
- Confecção das Sacolas Literárias;
- Organização da estante móvel;
- Rodízio das Sacolas Literárias;
- Troca de experiências: relato do aluno sobre sua experiência como mediador de leitura.

6.3- ATIVIDADE CLUBE DE PROFESSORES LEITORES

- Convite aos professores;
- Escolha de um livro para ser lido durante o bimestre (com o desenvolvimento do projeto passará a ser mensal);
- Divulgação do livro selecionado para os alunos;
- Encontro dos professores leitores para troca de experiências envolvidas com o livro selecionado;
- Solicitação aos alunos para que leiam o livro selecionado. Elaboração de um convite para incentivar a leitura;
- Escolha de uma data para organizar a apresentação (relato de vivência do professor ao ler o livro) aos alunos da escola. No primeiro semestre de 2015, os alunos também serão convidados a participarem do Clube de Leitura e a contribuir com os seus relatos no dia da apresentação;
- Em 2015 o projeto passará a ser chamado “Clube de Leitores do CEF 24”, envolvendo, além dos professores, alunos e servidores, a fim de que todos os integrantes da comunidade escolar possam ler o mesmo livro, cruzar pensamentos, pontos de vista, suscitar formas de releitura etc.

7. CRONOGRAMAS

7.1- ATIVIDADE LEITURA COLETIVA: TRABALHO E CIDADANIA

PERÍODO	1º SEMESTRE - 2014						2º SEMESTRE - 2014				
ATIVIDADES	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Apresentação do PIL para os professores e Direção da escola.	X						X				
Discussão para inclusão do PIL no PPP da escola.		X									
Aplicação de diagnóstico para verificar o nível de leitura dos alunos.	X	X					X	X			
Seleção dos textos.	X						X				
Elaboração da apostila com textos selecionados.	X						X				
Explicação do projeto para os alunos.		X						X			
Conscientização sobre a importância da leitura.	X	X					X	X			
Estudo dirigido (sequência didática) dos textos nas aulas de Língua Portuguesa e/ou demais disciplinas.			X	X	X			X	X	X	

7.2- ATIVIDADES SACOLA LITERÁRIA E LIVROS NO MEIO DO CAMINHO

PERÍODO	1º SEMESTRE - 2014						2º SEMESTRE – 2014				
ATIVIDADES	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Explicação do projeto para os alunos.		X						X			
Campanha de doação de livros, revistas, gibis etc.		X	X	X				X	X	X	
Confecção das Sacolas literárias.		X									
Organização da Estante Móvel.							X	X			
Rodízio das Sacolas Literárias.			X	X	X			X	X	X	
Troca de experiências e relato de leituras.			X	X	X			X	X	X	

7.3- ATIVIDADE CLUBE DE PROFESSORES LEITORES

PERÍODO	2º SEMESTRE - 2014						1º SEMESTRE – 2015				
ATIVIDADES	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN
Convite aos professores.	X						X				
Conscientização sobre a importância da leitura.		X						X			
Explicação do projeto para os alunos.		X						X			
Escolhas dos livros.	X						X				
Divulgação do livro selecionado para os alunos e convite para que o leiam.		X						X			
Encontro dos professores para discussão do livro.			X		X				X		X
Apresentação (relato de vivência do professor ao ler o livro) para os alunos da escola, em um Sarau Literário.			X		X				X		X

8. PARCEIROS

Os parceiros de nosso projeto são os professores de todas as áreas do conhecimento, direção e servidores do CEF 24 de Ceilândia; nossos alunos que se colocarão a disposição para o bom desenvolvimento desse projeto e que veem doando livros, revistas e gibis; além de pessoas (amigos, familiares, conhecidos) que também estão participando com a doação de livros, revistas e gibis para que o projeto seja efetivamente realizado. O Sindicato dos Professores (SINPRO-DF) e as editoras Leya, Ática e Scipione sinalizaram apoio ao nosso Projeto de Intervenção Local.

9. ORÇAMENTO

9.1- ATIVIDADE LEITURA COLETIVA: TRABALHO E CIDADANIA

PRODUTO	QUANTIDADE	VALOR
Apostila com cinco textos selecionados pelo corpo docente	500	R\$250,00

Total: R\$250,00

9.2- ATIVIDADE SACOLA LITERÁRIA

PRODUTO	QUANTIDADE	VALOR
Sacola ecológica (<i>Eco bag</i>)	65	R\$325,00
<i>Banner</i>	1	R\$100,00
Caderno para controle de empréstimo	65	R\$195,00
Livros, revistas e gibis	650	Doação

Total: R\$620,00

9.3- ATIVIDADE LIVROS NO MEIO DO CAMINHO

PRODUTO	QUANTIDADE	VALOR
Estante em MDF, com portas, tranca e rodas	1	R\$580,00
<i>Banner</i>	1	R\$100,00
Livros, revistas e gibis	1000	Doação

Total: R\$680,00

9.4- ATIVIDADE CLUBE DE PROFESSORES LEITORES

PRODUTO	QUANTIDADE	VALOR
Livro selecionado (2 para o 2º semestre/2014)	10 (inicialmente)	R\$400,00
<i>Banner</i>	1	R\$100,00

Total: R\$500,00

Orçamento geral: R\$2.050,00

O CEF 24 arcará com a maior parte das despesas por entender que este PIL é parte integrante do Projeto Político Pedagógico da Instituição.

10. ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

Esse projeto não tem cunho avaliativo para o aluno, pois a ideia é justamente estimulá-lo a ler por prazer, por curiosidade, não por obrigação escolar. O acompanhamento dar-se-á por meio dos cadernos em que será feito o controle dos empréstimos das “Sacolas Literárias”, assim, será possível saber se o aluno se empenhou em ler e emprestar os livros, qual título é mais procurado e qual título não é lido ou é menos lido. A estante de livros (Livros no Meio do Caminho) será observada para saber se os livros estarão despertando o interesse dos alunos ou não. O “Clube de Professores Leitores” funcionará como incentivo aos alunos a participarem do Clube em 2015 e de estarem lendo o título em discussão. Observaremos, também, o desempenho dos professores quanto à adesão ao Clube. A leitura dos textos selecionados (Leitura Coletiva: Trabalho e Cidadania) ficará a critério de todos os professores para utilizarem em suas aulas, sendo este o único momento em que poderá haver uma avaliação quantitativa.

11. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação** - São Paulo: Parábola Editorial, 2003 - Série Aula; 1.
- BAKHITIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem** - 2 ed. - São Paulo: Hucitec, 1981. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática. Opressão? Liberdade?** - São Paulo: Ática S. A., 1989.
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo; VIEIRA, Silvia Rodrigues (Org). **Ensino de Gramática: descrição e uso** - São Paulo: Contexto, 2007.
- BRASIL, Secretaria de Educação Média e Tecnologia. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1999.
- BRASÍLIA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento: Educação de Jovens e Adultos**. SSE-DF, 2014.
- FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. - São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- Disponível em: <<http://forumeja.org.br/files/PedagogiadoOprimido.pdf>>. Acesso em: fev. 2014.
- HUNTER, Madeline. **Ensino para Transferência: um livro programado** - Petrópolis: Vozes, 1983. Trad. Nadja de Couto Valle.
- LAJOLO, Marisa. **O que é Literatura**. 17 ed. - São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- LEWIS, Clive Staples. **O leão, a feiticeira e o guarda-roupa**. In: ____ As crônicas de Nárnia – 2 ed. – São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009. Trad. Paulo Mendes e Silêda Steuernagel.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é Leitura**. 19 ed. - São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- ORBERG, Sílvia. **Mediações para despertar o desejo de ler**. In: _____. Abrelê: Lumiará; editora organizadora Januára Cristina Alves. São Paulo: Ática, 2011. p.101-193.
- ORENSZTEIN, Mirian e MOREIRA, Suzana . **O desafio de formar leitores**. In: _____. Abrelê: Lumiará; editora organizadora Januára Cristina Alves. São Paulo: Ática, 2011. p.41-73.
- PERROTTI, Emir. **Da apropriação cultural: razões de ler**. In: _____. Abrelê: Lumiará; editora organizadora Januára Cristina Alves. São Paulo: Ática, 2011. p.27-37.

PIERRUCCINI, Ivete. **Ambientes e modos de leitura: em busca da significação dos escritos.** In: _____. Abrelê: Lumiará; editora organizadora Januára Cristina Alves. São Paulo: Ática, 2011. p. 77-99.

PROPOSTA Político Pedagógica do Centro de Ensino Fundamental 24 de Ceilândia – DF do ano de 2009. Ceilândia – DF, 2009.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. **Gramática: nunca mais - o ensino da língua padrão sem o estudo da gramática** - Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.